

O ninho no pé de zimbro

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Domingo pelo meio-dia eu vi o Duende do Zimbro. Ouvi um barulhinho atrás dos arbustos de zimbro e, pelo que eu pude ver, era ele mesmo. Ele era como um menininho pequeno, só que em vez de mãos, tinha garras de pássaro e um bico de papagaio.

Ele era muito engraçado. Eu ri e me diverti de verdade.

O que você faz aí?, perguntei.

Estou colhendo os frutinhas do zimbro para fabricar genebra, – disse o pequenino. É muito gostoso, quer experimentar? – Então ele tirou uma garrafinha de seu avental e me entregou. Eu provei e era mesmo muito gostoso. Só que de repente eu tive vontade de espirrar e fechei os olhos, porque estava me sentindo um pouco estranha.

Quando eu tornei a abrir os olhos, o duende tinha ido embora. No chão estava sentado um sapo verde-claro que, com a mão direita, tocava uma gaita de boca e, com a esquerda, batia na barriguinha, acompanhando. Ao seu lado descansava um caracol marrom que, com as anteninhas para fora, escutava com atenção.

Para onde é que foi o Duende do Zimbro?, eu me perguntava. Vocês tinham que ter visto. O sapo me olhava com cara de bobo, fez de repente um *quá* e continuou tocando. O caracol, porém ficou com medo e se arrastou para dentro da sua casinha.

Foi então que ouvi uma risadinha vinda lá do outro lado, onde havia um outro arbusto de zimbro. Fui até lá e encontrei o duende sentado bem no topo do arbusto, balançando as perninhas. Ei, – eu disse, fugir não vale. Será que nós não podíamos brincar juntos?

Ele deu um pulo e foi cair bem no meu braço. Eu dei um grito e ele quase morreu de rir. É claro que eu tinha me assustado um pouco, mas depois eu já estava rindo também. – Olha só, – ele disse, – eu quero mostrar a minha casa para você –. Com cuidado ele abriu espaço separando os galhos. Então vi um ninho bem grande, com três crianças duendes do zimbro bem pequeninhas. Elas também tinham garras de pássaro e bicos amarelos de papagaio. A mãe duende os alimentava com lesminhas e frutinhas do arbusto de zimbro. Eles eram a coisa mais querida! Tive vontade de pegá-los e de levar para mim um dos pequeninhos, mas o duende saltou do meu

braço e sumiu entre os arbustos, fechando o caminho atrás de si com os galhos, e eu não pude ver mais nada dele nem da sua família engraçadinha.

Depois eu quis procurar o ninho, mas o arbusto espetou a minha mão, e doeu. Decerto ele não queria me machucar, só não queria que eu perturbasse o povinho que morava ali. Então cheguei perto e fiquei escutando, quieta, os cochichos e risadinhas que vinham ali de dentro.